
**A HERMENÊUTICA INTERCULTURAL COMO PROCESSO PARA
UMA CONVIVÊNCIA ÉTICA E RESPONSÁVEL COM AS
DIVERSIDADES**

***THE INTERCULTURAL HERMENEUTICS AS A PROCESS FOR AN
ETHICAL AND RESPONSIBLE ACQUAINTANCESHIP WITH
DIVERSITIES***

ELISAIDE TREVISAM

Doutora em Filosofia do Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em Direitos Humanos. Especialista em Direito do Trabalho e Processo do Trabalho. Coordenadora do Curso de Graduação em Direito e Professora Colaboradora do PPGD da Faculdade Escola Paulista de Direito - EPD. Avaliadora e Parecerista de Periódicos. Pesquisadora em Direitos Humanos e Filosofia do Direito. E-mail: elis.trevi@hotmail.it

HÉLCIO KRONBERG

Investigador, membro dos grupos de pesquisa Cidadania Empresarial no Século XXI – Unicuritiba – Brasil, e integrante do grupo de Pesquisa Internacional – REDTH (Rede de Estudos em Direitos Humanos e Transnacionalidade).

GUSTAVO KFOURI

Investigador, membro dos grupos de pesquisa Cidadania Empresarial no Século XXI – Unicuritiba – Brasil, e integrante do grupo de Pesquisa Internacional – REDTH (Rede de Estudos em Direitos Humanos e Transnacionalidade).

RESUMO

A realidade plural do mundo atual, em meio ao encontro de culturas em suas amplas diversidades que se encontram cada vez mais entrelaçadas num convívio social, cultural, político e econômico intensos, faz surgir a busca pela realização de um processo de integração do Eu com o Outro para a configuração de uma vida social plena em comum, por meio do diálogo e da prática de uma colaboração mútua, numa convivência ética e responsável entre Si. Diante dessa necessidade, a presente reflexão tem por objetivo apresentar a hermenêutica intercultural como um dos processos fundamentais para a consideração dos nexos da existência a um nível intercultural, desenvolvendo, dentro dos ideais de um projeto de integração, a conexão

de indivíduos e sociedades numa perspectiva de construção de identidades, onde o plural se encontre identificado numa humanidade singular. Para alcançar um resultado satisfatório, a pesquisa se organizou por meio de uma análise dialética e bibliográfica, relacionando referências de cunho filosófico e jurídico de acordo aos objetivos propostos na presente reflexão.

PALAVRAS-CHAVE: Diversidades; Hermenêutica intercultural; Convivência; Ética; Responsabilidade.

ABSTRACT

The plural reality of today's world, amid the encounter of cultures in their ample diversities that are increasingly intertwined in an intense social, cultural, political and economic conviviality, gives rise to the search for the realization of a process of integration of the Self with the Other for the configuration of a full social life in common, through dialogue and the practice of mutual collaboration, in an ethical and responsible acquaintanceship among Themselves. In view of this need, the present reflection aims to present the intercultural hermeneutics as one of the fundamental processes for the consideration of the links of existence to an intercultural level, developing, within the ideals of an integration project, the connection of individuals and societies in a perspective of identity construction, where the plural is identified in a singular humanity. To achieve a satisfactory result, the research was organized through a dialectical and bibliographical analysis, relating philosophical references, according to the objectives proposed in the present reflection.

KEYWORDS: Diversities; Intercultural hermeneutics; acquaintanceship; Ethic; Responsibility.

INTRODUÇÃO

Frente a um contexto de vivências cada vez mais caracterizado pelo caráter da pluralidade de culturas nas sociedades atuais, conviver com as diversidades tanto individuais quanto coletivas, de um modo ético e responsável em relação ao Outro, torna-se um exercício fundamental para concretizar o ideal de um sistema comprometido com a consolidação da emancipação e integração do ser humano na teia das relações humanas. Para podermos garantir a integração de todos nessa sociedade plural, surge a necessidade de uma reflexão em torno dos instrumentos que deverão ser utilizados para consolidar esse sistema de convivência comprometida com a defesa daqueles que, mesmo considerados “diferentes”, possam ter seus direitos sociais, econômicos e culturais efetivados de modo “igual”.

Buscando apresentar uma alternativa para que se configure, na sociedade atual, um diálogo intercultural que parte da alteridade para a compreensão do mundo de pluralidades existenciais complexas, onde cada cultura tem o direito de construir seus contextos desde de suas analogias e contradições, em suas próprias lógicas e entendimentos, a presente pesquisa tem o objetivo de demonstrar que, o conviver com as diversidades de forma ética, somente será possível se encontrar seu fundamento numa hermenêutica intercultural como exercício prático que possibilitará, de maneira responsável, um processo de integração entre toda inter-relação pessoal e coletiva.

Ora, se somos o Um no Todo e o todo no Um, diante disso, sabemos que cada parte deste todo é diferente, pois somos diferentes, sabemos, ainda, que cada pessoa é um indivíduo em sua alteridade, portanto, não devemos esquecer que somos somente a partir da relação com o outro. É com base na necessidade de uma convivência intercultural, mútua, ética e responsável, balizada por um processo hermenêutico intercultural que permite o estabelecimento de uma *práxis* libertadora, que a presente pesquisa se justifica.

Para alcançar um resultado satisfatório, a metodologia utilizada na presente reflexão se organizou por meio de uma análise dialética, amparando-se em consultas de ordem bibliográfica, tendo por finalidade atingir o objetivo em questão.

2 A INTERCULTURALIDADE: UMA PROPOSTA ÉTICA ENTRE CULTURAS INTERCONECTADAS

Ao depararmos com a complexidade do mundo atual e as consequências dos conflitos que se iniciam a partir da discriminação, dos preconceitos e da exclusão de certos valores culturais em detrimento de outros, surge uma demanda de urgência pelo estabelecimento de uma conexão intercultural entre os indivíduos, entre os grupos de indivíduos e entre os povos das diferentes nações e culturas como solução de integração, de interação e de convivência mais ética entre as sociedades.

Quando falamos de pluralismo de culturas, estamos a falar da necessidade da responsabilidade para com o Outro como via de uma convivência ética. Devemos, partindo desse pressuposto, nos conscientizar de que é primordial ter um pensamento intercultural balizado em um mútuo enriquecimento da vida em sociedade com o objetivo comum da igualdade, da coesão e do respeito ao princípio da dignidade humana.

Será assim, utilizando da interculturalidade como um processo que promove a reciprocidade entre as diferentes culturas e a integração de indivíduos, num espaço em que esses possam manter os elementos de sua cultura e, ao mesmo tempo, sentirem-se inseridos na sociedade, que “a política e a ética de igual dignidade precisam ser aprofundadas e expandidas de modo que o respeito pelo indivíduo seja compreendido como que envolvendo não só o respeito pelo potencial humano”, mas havendo também respeito pelo “valor intrínseco das diferentes formas culturais

através das quais os indivíduos poriam em prática a sua humanidade e exprimem as suas personalidades únicas”. (ROCKEFELLER, 1988, p. 105)

Para Fidel Tubino (2016), a interculturalidade não é um conceito, mas uma maneira de comportar-se. Trata-se de uma proposta ética, sendo, mais que uma ideia, uma atitude, uma maneira de ser necessária em um mundo, paradoxalmente, cada vez mais interconectado tecnologicamente e ao mesmo tempo, mais incomunicável interculturalmente.

Já Catherine Walsh (2009) apresenta a interculturalidade crítica partindo do problema da diversidade e da diferença em si, ou seja, do problema estrutural-colonial-racial, apontando a necessidade de transformação das estruturas, instituições e relações sociais para uma construção de condições de estar, pensar, conhecer, aprender, sentir e viver na sociedade, esclarecendo que:

La interculturalidad entendida críticamente aún no existe, es algo por construir. Por eso, se entiende como una estrategia, acción y proceso permanentes de relación y negociación entre, en condiciones de respeto, legitimidad, simetría, equidad e igualdad. Pero aún más importante es su entendimiento, construcción y posicionamiento como proyecto político, social, ético y epistémico – de saberes y conocimientos –, que afirma la necesidad de cambiar no sólo las relaciones, sino también las estructuras, condiciones y dispositivos de poder que mantienen la desigualdad, inferiorización, racialización y discriminación.¹

A sociedade intercultural implica em um projeto que permite estabelecer um justo diálogo entre as culturas, um diálogo que parte da aceitação da própria identidade de cada um. Assim, podemos apontar como características da interculturalidade a necessidade de aprendermos a conviver com culturas diferentes;

¹ “A interculturalidade entendida criticamente ainda não existe, é algo por construir. Por isso, se entende como uma estratégia, ação e processo permanente de relação *entre*, em condições de respeito, legitimidade, simetria, equidade e igualdade. Porém ainda mais importante é seu entendimento, construção e posicionamento como projeto político, social, ético e epistêmico – de saberes e conhecimentos –, que afirma a necessidade de modificar não somente as relações, como também as estruturas, condições e dispositivos de poder que mantêm a desigualdade, inferiorização, racialização e discriminação”. (Tradução nossa)

o convencimento de que existem vínculos, valores e outros pontos em comum entre as culturas; um esforço para prevenir, regular e resolver conflitos interétnicos; o convencimento de que as culturas não são completas em si mesmas e sim necessitam uma das outras; um necessário grau de distanciamento crítico das pessoas em respeito à sua própria cultura; a promoção de espaços e de processos de interação positiva que abram e gerem relações de confiança, reconhecimento mútuo, comunicação efetiva, diálogo e debate, aprendizagem e intercâmbio, cooperação e convivência, e, regulação pacífica do conflito (ALVARADO, 2002, p. 36).

Essas características da interculturalidade deverão estar fundamentadas nos princípios da cidadania, implicando no reconhecimento pleno e na busca constante da igualdade real e efetiva de direitos, nas responsabilidades e nas oportunidades, como também na luta contra o racismo e a discriminação, no direito à diferença, isto é, no direito de identidade do sujeito e do desenvolvimento das próprias expressões socioculturais de cada indivíduo e dos grupos de indivíduos e, da unidade da diversidade (ALVARADO, 2002, p. 36-37).

Se o reconhecimento intercultural “compreende o respeito pela alteridade, como também a capacidade de autoquestionamento crítico sobre a própria visão do mundo” e a valorização de cada cultura é a “realização livre dos sujeitos que a integram” (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2005, p. 202), para podermos falar dessa valorização, devemos ter em mente a necessidade de uma exigência ética que alcance o caráter do processo de identificação no espaço intercultural. Um processo de desejar que o outro seja livre, sem ser discriminado, estabelecendo-se a conformação de sua identidade e alteridade numa dialética construtiva de convivência mútua. Isso sugere a necessidade de inter-relacionamento com o Outro, pois:

No mundo de conexões, a fidelidade a si mesmo é rigidez; a resistência aos outros, recusa de conectar-se; a verdade definida a partir da identidade de uma representação em relação ao seu original, desconhecimento da variação infinita dos seres que circulam pela rede e modificam-se toda vez que entram em relação com seres diferentes, de tal forma que nenhum de seus avatares

pode ser tomado como ponto de origem com o qual caiba confrontar outras manifestações. (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2002, p. 202)

Diante desse pensamento, Alain Torraine (1998, p. 98) afirma que, diante dessa complexidade das diversas vivências culturais, podemos dizer que “o sujeito não é uma reflexão do indivíduo sobre si mesmo”, ou a imagem ideal de si mesmo que ele esboça “nos refolhos ocultos de sua existência social”, mas se coloca como ator “capaz de modificar o seu meio”, um ator social que vive a experiência da construção do coletivo. Destarte, o sujeito somente poderá entrar em relação com outro sujeito, não como um ser semelhante ou radicalmente diferente, “mas como aquele que faz os mesmos esforços que ele para associar a sua participação num mundo instrumentalizado com a sua experiência pessoal e coletiva”.

O entendimento é o de que trata-se de um método pluralista sobre as relações humanas, um método que deveria ser estabelecido entre os atores culturalmente diferenciados dentro de uma nação pluricultural, multilinguística e multiétnica, e também, da promoção sistemática e gradual desde o Estado e a sociedade civil, de espaços e processos de interação positiva que vão abrindo relações de confiança, reconhecimento mútuo, comunicação efetiva, diálogo e debate, aprendizagem e intercâmbio, convivência e experiência, cooperação e integração. Trata-se de uma relação com o outro pautada na simpatia, na empatia, na compreensão, de um modo que se apresentem parcialmente diferentes e parcialmente engajados no mesmo mundo instrumental (ALVARADO, 2002, p. 40).

Para dar continuidade nessa forma de relação, Torraine (1998, p. 202) salienta que não podemos deixar que aumente a distância entre a sociedade e as comunidades, pois isso iria conduzir as culturas à destruição e à violência social. Hoje, em todas as partes do mundo, tratamos de lutar contra os fracionamentos do todo, “das sociedades nacionais e da vida pessoal”, para combinar, em todos os níveis, “a unidade e a diversidade, a troca de identidade, o presente e o passado”.

Nessa perspectiva, retomamos as reflexões de Walsh (2005, p. 4) o significado da prática da interculturalidade dentro da sociedade atual pode ser entendido como:

[...] la interculturalidad significa “entre culturas”, pero no simplemente un contacto entre culturas, sino un intercambio que se establece en términos equitativos, en condiciones de igualdad. Además de ser una meta por alcanzar, la interculturalidad debería ser entendida como un proceso permanente de relación, comunicación y aprendizaje entre personas, grupos, conocimientos, valores y tradiciones distintas, orientada a generar, construir y propiciar un respeto mutuo, y a un desarrollo pleno de las capacidades de los individuos, por encima de sus diferencias culturales y sociales. En sí, la interculturalidad intenta romper con la historia hegemónica de una cultura dominante y otras subordinadas y, de esa manera, reforzar las identidades tradicionalmente excluidas para construir, en la vida cotidiana, una convivencia de respeto y de legitimidad entre todos los grupos de la sociedad.²

O que se pode concluir da interculturalidade como proposta ética entre culturas é que, somente a partir de uma visão do outro, na qualidade de oprimido e marginalizado, no encontro de suas diversidades, se constituirá uma intenção de resposta ao clamor de integração do sujeito numa dinâmica intercultural de sociedades interconectadas. Isso será possível se tomarmos por base um diálogo que esteja fundamentado na proposta de um processo hermenêutico intercultural ativo, um processo que permitirá uma convivência mais ética, responsável e humanitária.

² “[...] a interculturalidade significa ‘entre culturas’, porém, não simplesmente um contato entre culturas, mas sim um intercâmbio que se estabelece em termos equitativos, em condições de igualdade. Além de ser uma meta a alcançar, a interculturalidade deveria ser entendida como um processo permanente de relação, comunicação e aprendizagem entre pessoas, grupos, conhecimentos, valores e tradições distintas, orientada a gerar, construir e propiciar um respeito mútuo, e a um desenvolvimento pleno das capacidades dos indivíduos, para além de suas diferenças culturais e sociais. Em si, a interculturalidade intenta romper com a história hegemônica de uma cultura dominante e outras subordinadas e, dessa maneira, reforçar as identidades tradicionalmente excluídas para construir, na vida cotidiana, uma convivência de respeito e legitimidade entre todos os grupos e a sociedade”. (Tradução nossa)

3 O PROCESSO HERMENÊUTICO DA INTERCULTURALIDADE

Para dar continuidade às reflexões até aqui colocadas e atingir o objetivo proposto na presente pesquisa, passaremos a tecer um esboço da necessidade de um modelo de hermenêutica intercultural como base de um diálogo eficaz entre as culturas, uma proposta de oferecer à sociedade um ideal de convivência ética entre a humanidade.

Se a interculturalidade “alude a um tipo de sociedade emergente, em que as comunidades étnicas, os grupos e classes sociais se reconhecem em suas diferenças e buscam sua mútua compreensão e valorização do outro”, é imprescindível procurar uma “interação positiva que concretamente se expressa numa busca de suprimir as barreiras entre os povos, as comunidades étnicas e os grupos humanos” (ASTRAIN, 2017).

Para Fonet-Betancourt (2017), o conceito de interculturalidade não está reduzido a “uma dimensão estritamente racional, lógica ou filosófica”, mas se origina de uma “qualidade que pode obter qualquer pessoa ou qualquer cultura a partir de uma *práxis* de vida concreta onde se cultiva, precisamente, a relação com o outro de um modo envolvente”, ou de outro modo, se trata de uma experiência “que não brota de nenhum âmbito excepcional”, mas de uma “qualidade que experimentamos na vida cotidiana, no sentido do contato: relação entre pessoas”. Isso quer dizer que:

Hay, por tanto, un saber práctico de la interculturalidad como experiencia que hacemos en nuestra vida cotidiana en tanto que contexto práctico donde ya estamos compartiendo vida e historia con el otro. Se trataría entonces de cultivar ese saber práctico de manera reflexiva, y con un plan para organizar nuestras culturas alternativamente desde él, para que la interculturalidad se convierta realmente en una cualidad activa en todas nuestras culturas.³

³“Há, portanto, um saber prático da interculturalidade como experiência, que fazemos em nossa vida cotidiana enquanto contexto prático, de onde já compartilhamos vida e história com o outro. Se trataria, então, de cultivar esse saber prático de maneira reflexiva e com um plano para organizar nossas culturas alternativamente através deste, para que a interculturalidade se converta, realmente, numa qualidade ativa em todas nossas culturas”. (Tradução nossa).

Supõe-se ser imprescindível instâncias dialogais enfocadas na aceitação mútua e na colaboração entre culturas que se entrecruzam, para se adentrar em um processo de procura criativa, que tenha lugar próprio quando a interpretação de si mesmo e do Outro manifesta-se como resultado de uma interpretação comum, mútua, pela qual a voz de cada um é percebida no mesmo tempo como modelo de interpretação igualmente possível Fernet-Betancourt (2006, p. 30), isso será possível através de uma Filosofia intercultural. A filosofia intercultural se explica, portanto, segundo Fernet-Betancourt (2006, p. 34-35) como sendo:

[...] un modo di fare filosofia che prende coscienza del radicamento e della situazionalità del pensiero (e della vita) quale condizione di possibilità per esercitarsi in modo universale. Il suo essere contestuale non la chiude alla comunicazione né alla ricerca dell'universalità, ma la mette sull'avviso che la ricerca dell'universalità deve percorrere strade diverse da quelle tracciate da una concettualizzazione astratta e formale. E per questo motivo occorre mostrare che la vera universalità richiede la contestualità storica della vita umana in tutta la sua pluralità perché ha origine e si sviluppa attraverso processi contestuali di interscambio e di comune comprensione.

Afirmando esse pensamento de Fernet-Betancourt, entende Álvaro Márquez-Fernandez que a sociedade intercultural (2013) tem que ser vivida como uma transformação histórica do pensamento filosófico, devendo, para tanto, passar “pela crítica ao discurso da racionalidade positivista que lhe serve de contexto legitimador”. Isso porque, conforme esclarece Fernet-Betancourt (2006, p. 9):

La trasformazione interculturale della filosofia si impone, pertanto, come un programma di ricostruzione del passato e, al contempo, di configurazione di un presente nel quale la filosofia si riconosce come tale senza avere la necessità di installarsi preferenzialmente in un sistema concettuale monoculturale, cioè, riconoscendo che scaturisce e si articola a partire dalla comunicazione tra tradizioni distinte, riconoscendo infine che non è monologica, ma polifonica.⁴

⁴ “A transformação intercultural da filosofia se impõe, portanto, como um programa d reconstrução do passado e, ao mesmo tempo, de configuração de um presente no qual a filosofia se reconhece como

Seguindo o mesmo raciocínio, Ram Adhar Mall (2002, p. 42) explica que o objetivo hermenêutico não deve ser fixado segundo uma lógica dual, de maneira monocultural ou ainda, através de uma idealização. Uma filosofia hermenêutica que visa a compreensão intercultural, deve atentar-se a uma teoria segundo a qual nem o mundo que confrontamos – o externo –, nem os conceitos, métodos e sistemas – o interno –, que desenvolvemos, representam grandezas apriorísticas e historicamente imutáveis. Desse ponto de vista intercultural, a compreensão do outro em sua diversidade, segundo Panikkar (2002, p. 47), é a questão mais relevante, uma vez que:

La novedad y la dificultad de la filosofía intercultural consiste en que no existe una plataforma metacultural desde la que realizar una interpretación de las culturas, debido a que toda interpretación es nuestra interpretación. Es verdad que este intento para interpretar otra cultura es un paso intermedio que nos abre a influencias externas y nos ofrece un cierto conocimiento del otro. Pero el 'otro' no se sabe a sí mismo como 'otro'. El 'otro' para la otra cultura es 'nosotros'. Nos encontramos delante de una aporía: ¿Cómo preservamos nuestra racionalidad al trascenderla?, ¿Cómo podemos entender al 'otro' si no somos el otro? ⁵

A partir dessa reflexão, podemos afirmar que a filosofia intercultural se trata, antes de tudo, da busca de novos paradigmas dos pensamentos filosóficos, partindo da realidade atual de confrontos entre culturas diversas, buscando definir a dinâmica de um diálogo universal que assume as dificuldades de uma convivência

tal sem ter a necessidade de instalar-se preferencialmente em um sistema conceitual monocultural, isto é, reconhecendo que nasce e se articula a partir da comunicação entre tradições distintas, reconhecendo enfim que não é monologa, mas polifônica”. (Tradução nossa).

⁵ “A novidade e a dificuldade da filosofia intercultural consiste em que não existe uma plataforma metacultural a partir da qual se realiza uma interpretação das culturas, porque cada interpretação é a nossa interpretação. É verdade que esta tentativa de interpretar uma outra cultura é um passo intermediário que nos abre a influências externas e nos dá um certo conhecimento do outro. Mas o “outro” não se conhece a si mesmo como “outro”. O “outro” para a outra cultura é “nós”. Estamos diante de uma aporia: como podemos preservar nossa racionalidade para transcende-la? Como podemos compreender o “outro” se não formos o “outro?” (Tradução nossa)

historicamente pautada na discriminação das diferenças. Sob essa visão, afirma Giuseppe Cacciatore (2016):

La filosofia dell'interculturalità non è solo istanza etica e appello politico ad una dimensione di incontro, tolleranza, rispetto e riconoscimento delle culture, né è solo una delle auspicabili e plausibili vie della riaffermazione di valori cosiddetti non contrattabili ed indisponibili come la dignità umana. Essa mette in campo e coinvolge, direttamente o indirettamente, tutta una rete di saperi umani positivi e particolari, dei quali anche la filosofia pratica e la stessa consulenza filosofica devono servirsi, se vogliono essere in grado di affrontare criticamente e conoscitivamente la complessità del reale attuale.⁶

Para Álvaro Márquez-Fernández, (2013) “a interculturalidade responde a uma heurística e a uma hermenêutica que parte da alteridade para a compreensão do mundo de pluralidades existenciais”, isto dentro das suas respectivas formas e “conteúdos racionais e discursivos que devem ser respostas em um ponto de apoio de articulações suficientemente complexas que não permitam a ausência, negociação ou neutralidade”, nem de forma voluntária ou consciente de “nenhuma das culturas”, acrescentando com referência às culturas, que “todas são correlativas neste sentido, isto é, em sua forma e conteúdo de estar presentes frente ao Outro, porque [...] sua heterogeneidade é o que nutre o dinamismo interno e externo de suas mudanças”.

Por conseguinte, aquele que é suposto como “diferente” – o Outro –, apresenta um “inegável valor para a compreensão da interculturalidade, “como um processo de discussão e esclarecimento dos quais são os registros da consciência e memória cultural de qualquer coletivo social” (Álvaro Márquez-Fernández, 2013). De acordo com esse raciocínio, o autor explica que devemos estar atentos para não

⁶ “A filosofia da interculturalidade não é somente instância ética e apelo político em uma dimensão de encontro, tolerância, respeito e reconhecimento das culturas, nem somente uma das desejáveis e plausíveis vias da reafirmação dos valores assim ditos não negociáveis e indisponíveis como a dignidade humana. Essa coloca em campo e envolve, diretamente o indiretamente, toda uma rede de saberes humanos positivos e particulares, dos quais até mesmo a filosofia prática e o próprio aconselhamento filosófico devem se servir, se queiram ser capazes de afrontar criticamente e cognitivamente a complexidade da realidade atual”. (Tradução nossa).

entender como interculturalidade a “confrontação de culturas, nem um abrir-se de uma cultura para outra com o interesse, expresso ou tácito, de subsumi-la ou assumi-la em sua contextualidade”. O que realmente é necessário, é o reconhecimento interior das culturas em suas próprias lógicas discursivas, o reconhecimento do direito de “construir seus contextos a partir de si mesmas, com suas analogias e contradições”. Nessa mesma linha, Ricardo Salas Astrain (2006, p. 139) pondera que:

Por diálogo intercultural entenderemos aquél que no se precipita rápidamente a una conciliación apresurada para anular las diferencias entre los registros discursivos (sostener que existen las mismas reglas universales para todos los discursos), ni tampoco el tipo de diálogo que se cierra a reconocer las dificultades efectivas existentes en la comunicación entre seres humanos que han conformado diferentemente sus mundos de vida (sostener que las reglas de los registros discursivos son todas diferentes). Este diálogo plantea una modalidad, más paciente, para entender a los otros desde las propias articulaciones discursivas, lo que implica sostener que en el ejercicio para alcanzar las razones de los otros existe siempre una mediación de la articulación de los registros en que se conforman los sujetos. Es un diálogo intercultural aquél que colabora en el difícil arte de comprender los propios procesos discursivos, lo que no se puede hacer nunca de un modo claro sin el apoyo de los otros. El ideal moral de convivir con otros, en el respeto de las distintas maneras de vivir y que asegure una vida moral plural, exige este reconocimiento de las reglas discursivas.⁷

Nesta esteira de pensamento, quando tratamos de um diálogo intercultural, estamos falando de um diálogo fundado, necessariamente, na hermenêutica. Somente a hermenêutica intercultural será capaz de ler e interpretar – *através de* – a

⁷“Por diálogo intercultural entenderemos aquele que não se precipita rapidamente a uma conciliação apressada para anular as diferenças entre os registros discursivos (sustentar que existem as mesmas regras universais para todos os discursos), nem tampouco o tipo de diálogo que se fecha a reconhecer as dificuldades reais existentes na comunicação entre seres humanos que moldaram seus mundos de vida de forma diferente (sustentar que as regras de registros discursivos são todas diferentes). Este diálogo levanta uma modalidade, mais paciente, para entender os outros desde as próprias articulações discursivas, o que implica a consideração que no exercício para atingir as razões dos outros, há sempre uma mediação da articulação dos registros que conformam os sujeitos. É um diálogo intercultural aquele que contribui na difícil arte de compreender os próprios processos discursivos, o que nunca pode ser feito de uma forma clara, sem o apoio dos outros. O ideal moral de viver com os outros, no respeito dos diferentes modos de viver e que assegure uma vida moral plural, exige este reconhecimento de regras discursivas”. (Tradução nossa)

superficialidade da existência, uma vez que assume o valor e o sentido da vida, como interpretação e criação permanente articulada a uma história que sofre contínuas transformações culturais e de perspectivas do universo (VALLESCAR PALANCA, 2000, p. 349).

Consequentemente, como no diálogo intercultural, “a troca não é apenas entre diferentes saberes, mas também entre diferentes culturas”, onde universos de sentidos diferentes se encontram e, consistem em “constelações de *topoi*⁸ fortes”, a partir dessa afirmação, encontraremos em Boaventura de Souza Santos (2003, p. 443) uma proposta de hermenêutica diatópica como um “procedimento hermenêutico adequado”, para guiar as dificuldades enfrentadas no que diz respeito ao entendimento de determinada cultura, a partir “dos *topoi* de outra cultura”, tarefas que para alguns, se faz “quase impossível”.

Como alude Marilena Chauí (2013, p. 31), será somente por meio de um diálogo e de “uma ação transnacionalmente organizada de grupos de oprimidos que se distinguirá uma política emancipatória de uma política meramente regulatória”, ou seja, na busca de um universalismo concreto de culturas, este construído “por meio de diálogos interculturais sob diferentes concepções de dignidade humana”, que poderemos falar da constituição de uma convivência ética. E, desde que a luta “pela defesa e promoção da dignidade humana⁹ não consiste num mero exercício intelectual”, mas sim numa prática, “fruto de uma entrega moral, afetiva e emocional baseada na incondicionalidade do inconformismo e da exigência da ação”, podemos entender que somente será possível tal entrega, partindo de uma “identificação profunda” com as diferentes culturas, dentro de uma sociedade intercultural e

⁸ “Os *topoi* são os lugares comuns retóricos mais abrangentes de determinada cultura. Funcionam como premissas de argumentação que, por não se discutirem, dada a sua evidência, tornam possível a produção e a troca de argumentos.

⁹ “Na forma como são agora predominantemente entendidos, os direitos humanos são uma espécie de esperanto que dificilmente se poderá tornar na linguagem cotidiana da dignidade humana nas diferentes regiões culturais do globo. Compete à hermenêutica diatópica [...] transformá-los numa política cosmopolita que ligue em rede línguas nativas de emancipação, tornando-as mutuamente inteligíveis e traduzíveis.

democrática, mas isso, se houver um diálogo intercultural e uma hermenêutica diatópica. (SANTOS, 1997)

Para Santos (2003, p. 443), o que a hermenêutica diatópica nos mostra é que não há interpretações acabadas ou culturas completas. Para trazer uma completude, é necessário “ampliar ao máximo a consciência de incompletude mútua por intermédio de um diálogo que se desenrola, por assim dizer, com um pé em uma cultura e outro em outra”. Isto nos proporcionará a possibilidade de ver a incompletude e o caráter que não se manifesta de nossas evidências. Conforme explica Santos:

O reconhecimento de incompletudes mútuas é condição *sine qua non* de um diálogo intercultural. A hermenêutica diatópica desenvolve-se tanto na identificação local quanto na inteligibilidade translocal das incompletudes. [...]. Pela sua própria natureza, a hermenêutica diatópica é um trabalho de colaboração intercultural e não pode ser levado a cabo a partir de uma única cultura ou por uma só pessoa. (2003, p. 447)

Logo “a completude cultural é o ponto de partida, não o ponto de chegada” (SANTOS, 2003, p. 455) do início do diálogo intercultural, pois, será o momento de descontentamento com a nossa cultura que envolverá a relevância de outras culturas que conhecemos. Será dessa noção de incompletude da nossa cultura que nascerá o “impulso individual ou coletivo para o diálogo intercultural e para a hermenêutica diatópica”. Assim, o objetivo de uma hermenêutica diatópica é aquele de aprofundar a incompletude cultural, transformar a consciência de incompletude da cultura em uma consciência autorreflexiva. Dito de outro modo, “a hermenêutica diatópica pressupõe a aceitação do seguinte imperativo transcultural: temos o direito a ser iguais quando a diferença nos inferioriza; temos o direito a ser diferente quando a igualdade nos descaracteriza”. (SANTOS, 2003, p. 458)

Desse modo, dentro de um processo hermenêutico intercultural que busque uma convivência ética perante as diversidades que compõe a sociedade complexa da atualidade, corroborando com as reflexões de Fornet-Betancourt (2002, p. 129), chega-se a uma ideia sobre a interculturalidade em seu aspecto intracultural, da

necessidade de um exercício “prático e teórico, de vida e de interpretação” da própria cultura, como:

[...] uma árvore que certamente pode alcançar uma configuração específica que faz com que seja identificável, com a justa condição de cuidar o livre desenvolvimento desse complexo processo de crescimento que vai sendo o fruto de raízes que se adentram no solo comum seguindo distintas direções, e que as vezes se entrecruzam, e de ramos que crescem também com suas diferenças e em distintas direções.

Buscando uma convivência onde o reconhecimento do Eu se encontra no reconhecimento do Outro em suas igualdades e diferenças, “não basta a desconstrução do caráter imaginário do outro para diluir a estranheza que nos produz – e que nele produzimos – ou para resolver os dilemas da interculturalidade”, se faz necessário considerar “a alteridade como uma construção imaginada” que, ao mesmo tempo, “enraíza-se em divergências interculturais empiricamente observáveis”. (CANCLINI, 2005, p. 266)

Portanto, usar da hermenêutica intercultural numa relação com o outro, se refere a um modo de reconhecer a dimensão da passividade que, como elemento fundamental de autoconhecimento, implica em estarmos conscientes que somos sujeitos de interpretação em sentido pleno. E, na medida em que somos responsáveis pela harmonia do universo, numa cooperação em que acrescentamos e transformamos, quando convivemos de forma ética com todos, estamos cooperando com uma sinergia ativa e passiva toda vez que participamos, tanto ativa quanto passivamente, na aventura do *Ser* (PANIKKAR, 2006, p. 151).

Esta aventura do *Ser* não se trata de uma evolução frente ao futuro e nem tampouco frente ao passado. O *Ser* se move dialeticamente, seguindo um ritmo de integração de movimento e de calma, do esforço para alcançar a meta como fim da peregrinação e vontade de se encontrar em si mesmo, na natureza mais profunda do devir do ser, que é um estar sendo (PANIKKAR, 2006, p. 151). Se observarmos o mundo, veremos que o Todo se encontra relacionado com o Todo, e cada parte desse

Todo é diferente, como todos os homens são diferentes entre si. Cada uma dessas pessoas, únicas dentro da rede de relacionamentos, constitui esta realidade. Assim sendo, podemos afirmar que as diferenças culturais não são acidentes ou somente um aspecto superficial do ser humano, mas são, na realidade, diferenças humanas e, como elemento importante que não pode escapar das discussões da atual sociedade intercultural, não podemos ignorá-las. (PANIKKAR, 2006, p. 17)

Quando falamos de interculturalidade, devemos ter em mente que estamos falando a respeito de uma *práxis* que trata do ser humano e sua interligação, inter-relação e intersolidariedade com todo o sistema humanitário, desse modo devemos lembrar que:

Interculturalidad no significa relativismo cultural (una cultura vale tanto como otra), ni fragmentacion de la naturaleza humana. Toda cultura es cultura humana - aunque pueda degenerar. Dicho de manera mas filosofica, existen invariantes humanos, pero no existen universales culturales. Su relacion es trascendental: el invariante humano se percibe solamente dentro un determinado universal cultural¹⁰. (PANIKKAR, 2006, p. 18)

Sendo assim, partindo de um processo hermenêutico intercultural que configure uma consciência universal da igualdade nas diferenças, estamos falando da relação de cada uma das pessoas e suas relações pessoais, interpessoais e socioculturais com todos os seres humanos, numa dimensão particular, numa dimensão coletiva, numa dimensão de convivência ética e responsável com as diversidades.

¹⁰ “Interculturalidade não significa relativismo cultural (uma cultura vale tanto quanto outra), nem fragmentação da natureza humana. Toda cultura é cultura humana – embora possa degenerar. Dito de maneira mais filosófica, existem invariantes humanos, porém, não existem universos culturais. Sua relação é transcendental: o invariante humano se percebe somente dentro de um determinado universo cultural”. (Tradução nossa).

4 POR UMA CONVIVÊNCIA ÉTICA E RESPONSÁVEL COM AS DIVERSIDADES

O fato de atentarmos à atual conjuntura de uma sociedade complexa onde convivem, lado a lado, indivíduos e grupos de indivíduos com suas diferenças culturais, onde o conflito entre essas diferentes culturas expõe a urgência pela busca de novos princípios e posturas de ação, nos remete ao questionamento que faz Néstor Garcia Canclini (2005, p. 268):

Surge, então, a pergunta sobre se seremos capazes de construir uma ordem intercultural globalizada na qual as dimensões sociais, econômicas, políticas e culturais se reorganizem a fim de que aprendamos a descobrir o valor do diferente, a reduzir a desigualdade que converte as diferenças em ameaças irritantes e a gerar conexões construtivas à distância – para produzir outra concepção transnacional da cidadania.

Se quisermos compreender esse questionamento e descobirmos se seremos capazes de construir essa integração intercultural, devemos procurar compreender, conforme explica Edgar Morin (2010, p. 127), que a parte mais importante da vida social se origina nas relações intersubjetivas, tanto “que o caráter intersubjetivo das interações no meio da sociedade, o qual tece a própria vida dessa sociedade, é fundamental”, e, se quisermos conhecer o “que é humano, individual, interindividual e social”, é de caráter vital a compreensão e a consciência humanitária.

Como temos necessidade da presença do outro para conhecermos a nós mesmos e, diante das diferenças proporcionadas pela sociedade intercultural que vivemos, precisamos de um autoexame que nos permita “integrar o olhar do outro em um esforço permanente, a fim de compreendermos melhor nossas carências, nossas lacunas, nossas fraquezas”. (MORIN, 2010, p. 354-355)

Será apenas através desse olhar que admitiremos uma convivência ética e assumiremos nossos deveres para com a comunidade de todos os humanos. Nesse ponto de nossa reflexão, concordamos com Pannikar (2006, p. 109) quando se refere à interculturalidade como um sistema de convivência, de interação, que contesta

convicções profundamente enraizadas e deduzidas, ou seja, estamos tratando de um sistema enriquecedor que nos permite crescer, sermos transformados, que estimula a nos tornarmos mais críticos, menos absolutistas e, conseqüentemente ampliarmos nossa visão de mundo.

Partindo dessa reflexão, podemos dizer que “a ética da compreensão humana constitui, sem dúvida, uma exigência chave de nossos tempos de incompreensão generalizada”, já que vivemos, hoje, num mundo de incompreensões entre os membros de uma mesma sociedade – a sociedade de seres humanos, a sociedade do eu e do outro. Será somente por meio da compreensão do outro como sujeito que estaremos, eticamente, reconhecendo a alteridade e a liberdade de todos no mundo e nos livrando do ódio e da exclusão (MORIN, 2010, p. 51). Ou seja, se quisermos obter uma convivência humana, justa, pacífica e em harmonia, devemos tomar consciência da realidade “irracionalmente construída, na qual existem sujeitos concretos a quem são negados espaços históricos”, que padecem da exclusão, e buscar estabelecer uma “relação de sujeitos, em inter-relação mútua, reconhecer a existência do Outro, desejar que ele seja ele mesmo” (MARTÍNES, Julio C. M, 2012, p. 106).

Isso porque, interpretar e reinterpretar a subjetividade quer dizer estabelecer um diálogo necessário de modo a abordar a experiência ética humana que reclama a liberdade e a justiça. Segundo essa perspectiva, podemos dizer que o acolhimento e a integração, por meio do processo hermenêutico intercultural, fundam a verdadeira intermediação das diferenças enquanto inter-relações na sociedade intercultural, na recepção do Outro como Outro, do Outro como Eu e do Eu como o Outro, numa colaboração mútua, ética e responsável.

Na medida em que somos responsáveis pela harmonia do universo, numa cooperação em que acrescentamos e transformamos, estamos cooperando com uma sinergia ativa e passiva, toda vez que participamos, tanto ativa quanto passivamente, na aventura do Ser. Esta aventura do Ser não se trata de uma evolução frente ao

futuro e nem tampouco frente ao passado. O *Ser*, não é estática nem dinâmica, mas se move dialeticamente, seguindo um ritmo de integração de movimento e de calma, do esforço para alcançar a meta como fim da peregrinação e vontade de se encontrar em si mesmo, na natureza mais profunda do devir do ser, que é um estar sendo. (PANIKKAR, 2006, p. 151)

Partindo dessa ideia, devemos pensar no avanço necessário de um processo hermenêutico intercultural que implique na comunicação e no intercâmbio entre indivíduos e grupos de indivíduos – das mais diversas culturas que se apresentam na atual sociedade –, para um mútuo enriquecimento da vida em coletividade que configurará uma convivência ética e responsável entre todas as culturas.

Com essa reflexão, chegamos à conclusão que o amparo ao Outro e a integração de todos fundará uma intermediação das diferenças. Isso aproximará relações de modo a transformar o convívio em inter-relações de colaboração mútua, ética, responsável e solidária de todos com todos na totalidade de suas igualdades e diferenças. Desse modo, a convivência na sociedade deverá ser com o Todo, uma vez que esta inter-relação diz respeito a uma convivência intercultural e, essa convivência para ser completa, deve estar em total conexão com as diversidades, numa simbiose do Eu com Outro de forma humanitária e pacífica.

CONCLUSÃO

No interior de uma sociedade de percepção cultural e política cada vez mais plural, um dos desafios, talvez, de maior capitação urgencial na agenda de medidas do mundo global, está na necessidade de se afrontar a problemática em realizar um processo integrador entre as diversas culturas constituídas, a fim de concorrer para que sejam respeitadas e aceitas as diferenças e para que se concretize uma convivência mais pacífica entre si.

Necessidade essa que incorpora a tarefa de instigar a construção de uma cultura global mais ética, que efetivamente, saiba conviver com a pluralidade cultural, e que, assim, esteja capacitada para formar uma comunidade comprometida pela garantia e defesa da memória, da atuação e do futuro de toda a sociedade humana, contribuindo para fortalecer o valor inalienável de um princípio universal que se institui pela prática de uma postura responsável perante o Outro.

Será por meio de um processo hermenêutico intercultural, apresentado como uma das formas fundamentais de consideração dos nexos da existência a um nível intercultural, que se desenvolverá, dentro dos ideais de um projeto de integração e conexão entre indivíduos da sociedade atual, um aspecto do exercício prático da interpretação das culturas.

Portanto, de acordo com a reflexão da presente pesquisa, entendemos que a busca por uma convivência ética se desenvolve na proposição de uma hermenêutica intercultural que contribui, de modo eficaz, com o processo de interconexão e inter-relação de culturas para o enriquecimento de toda a sociedade, proporcionando uma responsabilidade que vai além do Eu e se configura numa busca da alteridade e da individualidade do Outro, numa convivência mútua e de interação.

REFERÊNCIAS

ALVARADO, Virgílio. Políticas públicas e interculturalidad. In: FULLER, Norma (Org.). ***Interculturalidad y política***: desafíos y posibilidades. Lima: Red para el Desarrollo de las Ciencias Sociales en el Perú, 2002.

ASTRAIN, Ricardo Salas. **Ética Intercultural**: Ensayos de una ética discursiva para contextos culturales conflictivos. (Re) Lecturas del pensamiento latino-americano. Equador: Abya-Yala, 2006.

_____. **Ética intercultural e pensamento latino-americano**. Problemas e perspectivas de uma ética intercultural no marco da globalização cultural. Disponível em: <<http://asafti.org/wp-content/uploads/2014/04/%C3%89TICA-INTERCULTURAL->

E-PENSAMENTO-LATINO-AMERICANO.-Problemas-e-perspectivas-de-uma-%C3%A9tica-intercultural-no-marco-da-globaliza%C3%A7%C3%A3o-cultural..pdf.> Acesso: 10 Mai 2017.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Éve. Apud CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, desiguais e desconectados**: mapas da interculturalidade. Tradução de Luis Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

CACCIATORE, Giuseppe. *L'interculturalità e le nuove dimensioni del sapere filosofico e delle sue pratiche*. Disponível em: <http://www.easy-network.net/pdf/24cacciatore.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, desiguais e desconectados**: mapas da interculturalidade. Tradução de Luis Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

CHAUÍ, Marilena. Saudações a Boaventura de Souza Santos. In: SANTOS, Boaventura de Souza; CHAUÍ, Marilena. **Direitos humanos, democracia e desenvolvimento**. São Paulo: Cortez, 2013.

FORNET-BETANCOURT, Raul. Filosofia e Interculturalidad em América Latina. In: ARNÁIZ, Graciano G. R. (Coord.). **El discurso intercultural**. Prologómenos para una filosofía intercultural. Madri: Biblioteca Nueva, 2002.

_____. FORNET-BETANCOURT, Raul. **La filosofía intercultural**. Disponível em: <<http://www.olimon.org/uan/08-intercultural-fornet.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

_____. **Trasformazione interculturale della filosofia**, a cura di G. Coccolini. Bolonha: Dehoniana, 2006, p. 30.

MALL, Ram Adhar. **Interculturalità**: una nuova prospettiva filosofica. Gênova: ECIG, 2002.

MÁRQUEZ-FERNÁNDEZ, Álvaro. **Globalización neoliberal y filosofía intercultural**. Red Internacional de estudios interculturales. Pontificia Universidad Católica del Perú, 2013. Disponível em: <<http://red.pucp.edu.pe/ridei/libros/globalizacion-neoliberal-y-filosofia-intercultural/>>. Acesso em: 10 Jul. 2016.

MARTÍNES, Julio C. M. **Teoría democrática desde el paradigma de la interculturalidad**. Tese de doutoramento. Universidade Centroamericana José Simeón Cañas. El Salvador, 2012.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

PANIKKAR, Raimon. **Paz e interculturalidad**: una reflexión filosófica. Barcelona: Helder Editorial, 2006.

_____. La interpelación cultural. In: GONZÁLEZ, R., Arnaiz, G. **El discurso intercultural**. Prolegómenos a una filosofía intercultural. Madrid: Biblioteca Nueva. 2002.

ROCKEFELLER, Steven C. Comentários. In: TAYLOR, Charles. **Multiculturalismo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

SANTOS, Boaventura de Souza. Por uma concepção multicultural de direitos humanos. In: SANTOS, Boaventura de Souza (Org.). **Reconhecer para libertar**: os caminhos do cosmopolitismo multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. **Uma concepção multicultural de direitos humanos**. Revista Lua Nova, n. 39, 1997.

TORRAINE, Alain. **Poderemos viver juntos?** iguais e diferentes. Tradução de Jaime A. Clasen e Ephraim F. Alves. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

TUBINO, Fidel. **Del interculturalismo funcional al interculturalismo crítico**. Disponível em: <http://red.pucp.edu.pe/wp-content/uploads/biblioteca/inter_funcional.pdf>. Acesso: 18 Dez. 2016.

VALLESCAR PALANCA, D. **Hacia una racionalidad intercultural**: cultura, multiculturalismo e interculturalidad. Tese de doutoramento em ética e Sociologia. Universidade Complutense de Madrid, 2000.

WALSH, C. **Interculturalidad crítica y educación intercultural**. Seminário de Interculturalidad y Educacion Intercultural. Instituto Internacional del Convenio Andrés Bello, La Paz, 9-11 de março de 2009.

_____. WALSH, C. **La interculturalidad en la educacion**. Lima: Ministério da educação/UNICEF, 2005.